

# **O Museu no Ensino De História: buscando novas possibilidades.**

*Patrícia Rodrigues da Silva*<sup>1</sup>

## *Resumo*

O artigo apresenta um projeto de Extensão, ainda em andamento, vinculado à disciplina de Estágio Supervisionado no curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Amazonas. O projeto de extensão “Visitas Monitoradas ao Museu Amazônico” visa oportunizar a alunos e professores de escolas públicas de Manaus, visitas programadas às exposições do Museu Amazônico explorando o potencial educativo dos museus.

*Palavras-chave:* Ensino, Museu, História

## *Abstract*

The paper presents an extension project, still underway, linked to the discipline of supervised internship in the Degree in History from the Federal University of Amazonas. The extension project “Monitored Visits to the Amazonian Museum” aims to create opportunities for students and teachers from public schools in Manaus, scheduled visits to the Amazon Museum Exhibition exploring the educational potential of museums.

*Keywords:* Education, Teaching, History and Museum

---

<sup>1</sup> Professora do Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) da Universidade Federal do Amazonas. Doutoranda em História Social pela PUC/SP.

Neste artigo apresentaremos uma experiência que estamos realizando na disciplina de Estágio Supervisionado I, II, III e IV do curso de História da Universidade Federal do Amazonas, em que intentamos alargar as possibilidades do ensino de história através de visitas aos museus, explorando seu potencial educativo e não apenas enquanto espaço de contemplação. Assim, através do projeto de extensão (Visitas Monitoradas ao Museu amazônico) buscamos articular o estágio Curricular obrigatório ao projeto de extensão.

Desse modo, o texto busca apresentar primeiramente uma reflexão acerca do estágio e as possibilidades de interação com a extensão universitária e posteriormente aborda o projeto “Visitas monitoradas ao Museu Amazônico.”

Nosso intuito, com o projeto “Visitas Monitoradas ao Museu Amazônico”, como já foi dito, é alargar as possibilidades de ensino/aprendizagem em História para além dos espaços e meios mais tradicionais, quais sejam, sala de aula e livros didáticos e assim explorar também outras práticas e espaços na construção do conhecimento histórico.

Também é nosso objetivo proporcionar aos alunos e professores de escolas municipais e estaduais (especificamente aquelas em que os alunos de estágio I e III estão realizando seu estágio) uma aproximação e troca com os saberes produzidos no ambiente acadêmico e assim, incentivando a visita ao Museu Amazônico como uma ação educativa que vise não apenas a admiração de seu acervo, mas que estimule

a reflexão acerca dos objetos expostos e o desenvolvimento de uma sensibilidade à linguagem plástica.

Acreditamos que assim, estaremos possibilitando ao aluno estagiário em História (Estágio I e III no primeiro semestre de 2010 e Estágio II e IV no segundo semestre de 2010) o contato, a reflexão e a ação no seu *locus* de atuação, além de refletir sobre o papel dos museus no ensino de História e garantir ao estagiário espaço e condições para que realize o Estágio Supervisionado obrigatório, valorizando o Museu Amazônico enquanto instituição importante no processo ensino/aprendizagem em História no Amazonas.

O Museu Amazônico, órgão complementar da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), implementado em 1989, tem atuado no apoio à pesquisa, ao ensino e à extensão em áreas fundamentais para o conhecimento da Amazônia e de suas culturas. Com um público estimado em 23000 visitantes/ano entre comunidade em geral, turistas nacionais e internacionais e estudantes de nível fundamental e médio, universitários, o Museu amazônico organiza e promove exposições temporárias e permanentes, divulgando o próprio acervo, materiais cuja guarda pertence a outras instituições, e também exposições artísticas que de alguma maneira dizem respeito ao acervo do Museu<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Todas as informações apresentadas aqui sobre o Museu amazônico estão disponíveis on line no seguinte endereço: [http://www.museuamazonico.ufam.edu.br/institucional\\_np.html](http://www.museuamazonico.ufam.edu.br/institucional_np.html). Consulta

No primeiro semestre de 2010, ao assumirmos a disciplina de Estágio Supervisionado nos cursos de História da Ufam, percebemos que o Museu Amazônico, mesmo sendo um órgão vinculado à universidade e tendo em seu acervo importantes materiais acerca das culturas dos povos amazônicos e, portanto, um grande potencial na construção do conhecimento histórico, tem sido pouco utilizado, principalmente por professores do ensino fundamental e médio da rede pública.

Neste sentido, foi que nos dispusemos a realizar um projeto de extensão que aliasse a disciplina em questão com as visitas às exposições do Museu amazônico.

Assim, o projeto está sendo viabilizado pelo Laboratório de Ensino de História (em fase de implementação), e tem por meta ser desenvolvido periodicamente através das disciplinas de Estágio Supervisionado. Importa ainda salientar que este projeto se situa na articulação entre dois importantes elementos para a formação do professor em nível universitário: o estágio curricular supervisionado e a extensão universitária.

### **Estágio Supervisionado e Extensão: interações e possibilidades.**

De acordo com o art. 1º da Lei Nº 11.788 de 25/09/2008 o estágio super-

---

realizada em 11/08/2010

visionado se caracteriza por ser “*um ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa a preparação para o trabalho produtivo de educandos (...)*”. Neste mesmo artigo, em seu §2º ressalta-se que “*o estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho.*”

O estágio curricular supervisionado deve ser, portanto, um momento e um espaço onde o aluno/professor possa vivenciar de forma efetiva e integral situações concretas de seu exercício profissional de tal modo que esta formação passe fundamentalmente pela reflexão e pela ação, obedecendo ao disposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de professores da Educação Básica:

*“Parágrafo Único. A aprendizagem deverá ser orientada pelo princípio metodológico geral, que pode ser traduzido pela ação-reflexão-ação e que aponta a resolução de situações-problema como uma das estratégias didáticas privilegiadas.”<sup>3</sup>*

Vê-se, portanto, que o distanciamento entre teoria (Academia) e a prática, (escola), que vigorou por longo tempo

---

<sup>3</sup> BRASIL- Conselho Nacional de Educação. Parecer CP no. 1, de 18/02/2002: Institui as DCN para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível Superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1\\_2.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1_2.pdf). Acesso em 11/08/2010.

nos cursos de formação acadêmica e que era pautada na lógica de uma epistemologia vinculada à racionalidade não condiz mais com as exigências da atual realidade. O foco passa, atualmente, pela junção dessas dimensões: teórica-prática.

Neste sentido, ao aluno estagiário é exigido, além de conhecer e refletir sobre a realidade de seu *lôcus* de trabalho, intervir de modo efetivo e eficaz com “*coerência entre a formação oferecida e a prática esperada do futuro professor...*”<sup>4</sup>

A prática esperada do futuro professor pode ser observada no artigo 13 e seus incisos da Lei 9394/94:

*“Art. 13. Os docentes incumbir-se-ão de:  
I – participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;*

*II – elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;*

*III – zelar pela aprendizagem dos alunos;*

*IV – estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;*

*V – ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;*

*VI – colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.”*<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Idem. Acesso em 11/08/2010.

<sup>5</sup> BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm). Acesso em

Percebe-se aí a necessidade de um envolvimento cada vez maior do docente, no caso, do estagiário, em todos os âmbitos da escola inclusive em atividades de extensão.

Assim podemos concluir com Silva que:

*“no envolvimento total do estagiário com a escola de educação básica, conforme as prerrogativas legais atuais há a tentativa de resgatar tanto o compromisso do futuro educador com o todo da escola (gestão, planejamento, relação com a comunidade, etc.) e, principalmente, retornar à comunidade o “saber” construído na universidade. Certamente o resgate da interação universidade e escola de educação básica.”*<sup>6</sup>

É nessa perspectiva, de buscar uma interação entre o saber produzido na universidade e o saber produzido na escola, que buscamos estabelecer um projeto de extensão.

Assentado nas três premissas básicas, ensino-pesquisa e extensão, o saber universitário tem se fortalecido na perspectiva de formação de cidadãos e profissionais cada vez mais comprometido com as intervenções/ transformações sociais desejadas.

Nessa direção cabe ressaltar que, de acordo com o Plano Nacional de Exten-

11/08/2010.

<sup>6</sup> SILVA, Arlete Vieira da. Estágio curricular supervisionado no curso de licenciatura: momentos de vivência da profissão professor nas escolas de educação básica, *Revista Espaço Acadêmico* - no. 73, junho/ 2007. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/073/73silva.htm>. acesso em: 11/08/2010.

são Universitária<sup>7</sup>, a extensão se caracteriza por ser “o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade”<sup>8</sup>.

E é ainda neste documento que buscamos uma compreensão de que:

*“O estágio curricular é alçado como um dos instrumentos que viabilizam a extensão enquanto momento da prática profissional, da consciência social e do compromisso político, devendo ser obrigatório para todos os cursos, desde o primeiro semestre, se possível, e estar integrado a projetos decorrentes dos departamentos e à temática curricular, sendo computado para a integralização do currículo de docentes e discentes”.*<sup>9</sup>

Sendo assim, acreditamos que o estágio curricular supervisionado, articulado a extensão pode possibilitar uma oportunidade de formação mais integral aos alunos do curso de licenciatura em História.

### **O museu enquanto espaço educativo para o ensino de História**

O potencial educativo dos museus para o ensino e aprendizagem em História

<sup>7</sup> BRASIL, Ministério da Educação. Plano Nacional de Extensão Universitária. Edição Atualizada. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC. 200/2001. Disponível em: [www.ufac.br/.../doc\\_prac\\_plano\\_extensao\\_universitaria.doc](http://www.ufac.br/.../doc_prac_plano_extensao_universitaria.doc). Acesso em 11/08/2010.

<sup>8</sup> BRASIL, Ministério da Educação. *Ibid* p. 5.

<sup>9</sup> BRASIL, Ministério da Educação. *Ibid* p. 6.

ria tem sido discutido por autores como Almeida e Vasconcelos, Ramos, Fonseca e Silva e Circe Bitencourt<sup>10</sup> que têm, de maneira geral, buscado ressaltar a necessidade da problematização desses espaços e seus objetos para que, através da reflexão se possa construir um conhecimento mais crítico.

Fonseca e Silva ressaltam que:

*“O trabalho do professor com as instituições especializadas de sua área de conhecimento – o que inclui historiografia, universidades, museus, bibliotecas, arquivos, etc. – é uma necessidade básica de todo ensino de História. Essas unidades de pesquisa e divulgação não oferecem respostas prontas para as necessidades de cada grupo de alunos ou de cada professor, o diálogo com elas sempre requer o exercício do pensamento crítico e das opções interpretativas.”*<sup>11</sup>

Assim, em nosso projeto, entendemos que é necessário que o professor em formação, ou seja, o estagiário, estabeleça uma relação mais próxima com tais instituições, neste caso, o Museu Amazônico, a fim de realizar o seu trabalho de

<sup>10</sup> ALMEIDA, Adriana; VASCONCELOS, Camila Vasconcelos. “Por que visitar museus”. in: BITTENCOURT, Circe. *O saber histórico em sala de aula*. SP: Contexto, 1997; FONSECA, Selva Guimarães & SILVA, Marcos. *Ensinar História no século XXI: Em busca do tempo entendido*. Campinas/SP, 2007; RAMOS, Francisco Régis Lopes. A danação objeto. O museu no ensino de História. Disponível em: [http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo4/estudos\\_sociais/a\\_danacao\\_do\\_objeto.pdf](http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo4/estudos_sociais/a_danacao_do_objeto.pdf) acesso em 11/08/2010; BITTENCOURT, Circe. *Ensino de História: Fundamentos e Métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

<sup>11</sup> FONSECA, Selva Guimarães & SILVA, Marcos, *Op. cit.*, p. 70.

estágio vinculando os princípios norteadores de sua formação e sua prática enquanto professor.

O trabalho voltado para a construção do conhecimento a partir do potencial educativo de determinadas instituições como é o caso dos museus, exige do professor um olhar mais acurado e crítico para esse espaço e uma metodologia específica, pois deve ser visto como espaço provocativo de reflexões e não como depositário de verdades definitivas.

De acordo com Almeida e Vasconcelos:

*“Quando visitamos um museu, temos em geral, contato com a exposição. Esta é constituída por objetos do acervo museológico dispostos de maneira a construir um discurso”.*<sup>12</sup>

É preciso estar atento para o caráter discursivo das exposições museais. O acervo e as atividades realizadas num museu ultrapassam a organização de uma exposição. Sendo assim, os museus constroem um discurso sobre os temas que expõe quando escolhem, sob diversos critérios, os objetos que serão expostos.

Desse modo, são ainda aqueles mesmos autores que nos alertam para o fato de que, mesmo não esgotando toda a potencialidade educativa nas exposições, essas são, sem dúvida, importantes suportes na medida em que permitem

uma aproximação maior entre o museu e o público em geral e com a comunidade escolar em particular.

Neste sentido, o potencial educativo de tais instituições e mesmo de uma exposição está na reflexão que pode suscitar acerca dos objetos expostos e não apenas no deslumbramento com os objetos raros.

É fundamental que se reflita sobre qual discurso, que parte da sociedade está sendo retratada numa ou noutra exposição, quais os sentidos da preservação de determinada memória e como essa memória se articula com as experiências e vivências do presente. Assim, a memória deve ser entendida: “enquanto objeto de conhecimento e que, no caso de um museu histórico, uma das principais funções seja a de contribuir para o entendimento de sua representação no presente”.<sup>13</sup>

Tão importante quanto à reflexão sobre a memória preservada e exposta é a reflexão sobre as ausências, as memórias não apresentadas nas exposições.

Fonseca & Silva ao falarem sobre “o museu e outros campos de conhecimento” nos chamam a atenção para o fato de que:

*“... quem vê uma coleção de adereços dos homens ricos precisa levar em conta a existência de outros grupos humanos, pensar sobre o imediato do acervo e seus contrapostos possíveis: nem todo chapéu era como aqueles em exposição (...). Nesse sentido, como num filme in-*

<sup>12</sup> ALMEIDA, Adriana; VASCONCELOS, Camila Vasconcelos. Op. cit., p. 105.

<sup>13</sup> Idem, p. 107.

*teressa tanto o que aparece na exposição quanto o extracampo, o que não é mostrado, mas continua importante para entender os significados daquilo que aparece.*<sup>14</sup>

Nota-se portanto que o museu não é mais entendido como espaço de contemplação, adoração e admiração pura e simplesmente, mas, ao contrário disso, o museu para realizar seu potencial educativo deve possibilitar o questionamento, a compreensão de seu caráter discursivo e por isso mesmo a importância do não dito ou não visto para a compreensão do dito ou do visto. Concordamos que atualmente esta instituição deixa de ser “Museu - templo” para ser “Museu-fórum” Duncan Cameron (Apud Ramos: 2004).

Para Ramos nessa mudança de paradigma a questão que se coloca é que:

*“o tipo de saber a que o museu induz não se desenvolve em outros lugares, e tal lacuna deixa o estudante (ou o visitante) quase desprovido de meios para interpretar as nuances da linguagem museológica. Nesse caso, o envolvimento entre o que é dado à visão e quem vê necessita de atividades preparatórias, com o intuito de sensibilizar aquele que vai ver. Do contrário, não se vê, ou pouco se vê.*

*E por isso que a visita ao museu deve começar na sala de aula, com atividades lúdicas que utilizem materiais do cotidiano, como indícios de práticas que se fazem nas relações sociais*<sup>15</sup>.

Assim, a reflexão que se pretende no espaço dos museus deve iniciar-se antes mesmo da visita, ou seja, no espaço da sala de aula. A reflexão sobre a cultura material do passado passa a fazer sentido na medida em que refletimos sobre a nossa própria cultura material.

Em nosso projeto, propomos um debate/discussão prévia com os alunos a fim de aguçar os sentidos e provocar questionamentos acerca dos objetos que irão se parar na visita.

Outro aspecto importante abordado por Ramos no trabalho com os museus é a importância da figura do monitor, que deve assumir uma postura de provocador e não simplesmente um informante.

*“No caso de turmas escolares, as alternativas de trabalho assumem certas especificidades. Ao invés de guiar a visita dando explicações, o monitor pode desafiar os estudantes mediante exercícios que serão realizados a partir do contato com a exposição. Ora, isso permite que o aluno descubra que os museus são fontes de saber - abre vias de acesso para a fruição cognitiva, pois ele mesmo torna-se responsável pelo ato de responder à provocação colocada”*<sup>16</sup>.

Quanto ao papel do monitor o referido autor ainda nos diz que:

*“Ao sair da informação para a provocação, o monitor exige de si mesmo uma qualificação que, no modelo tradicio-*

<sup>14</sup> FONSECA, Selva Guimarães & SILVA, Marcos. Op. cit., p.81.

<sup>15</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. A danação obje-

to. O museu no ensino de História. Op cit. Acesso em 11/08/2010 s/numeração.

<sup>16</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. Idem.

*nal, não se faz necessária: a pesquisa sobre os objetos. Se o intuito não é mais o de oferecer dados em discurso pronto e acabado, emerge a responsabilidade de um conhecimento mais amplo sobre o que é exposto, pois só assim o ato de provocar o diálogo terá qualidade interpretativa, questionadora”.*

Os estagiários responsáveis por monitorar as exposições deverão, portanto, realizar trabalho de pesquisa acerca das exposições e assim, estarem preparados para o papel de instigadores dos visitantes, alunos e professores das escolas públicas.

Pautados nessas reflexões iniciamos o projeto “Visitas Monitoradas ao Museu Amazônico”. Este, portanto o consiste em um conjunto de atividades pedagógicas a serem desenvolvidas com o público alvo nas escolas e no Museu Amazônico durante o ano de 2010, promovendo o acesso ao potencial educativo dos museus.

Propusemos aos estagiários das disciplinas Estágio Supervisionado I e III (estágio de observação) que apresentassem aos professores que os receberam nas escolas públicas (municipais e estaduais) a proposta de visita ao museu amazônico explicando que essa visita ao museu se fará acompanhada de uma programação que inclui uma preparação prévia das visitas bem como será dada continuidade ao debate após a realização da visita abordando assim, a potencialidade educativa do museu.

Na programação das visitas, os estagiários desenvolverão temas voltados

para a história regional viabilizando as visitas à exposições programadas no Museu Amazônico enquanto espaço provocativo/educativo e não simplesmente espaço de admiração. Tão logo chegaram às escolas, os alunos/estagiários apresentaram o projeto aos professores. Muitos desses professores receberam e acolheram a proposta com entusiasmo viabilizando assim, nosso projeto.

Assim, ao longo do primeiro semestre, os estagiários, além de observar/colaborar com as aulas de história, desenvolveram em conjunto com os professores e alunos propostas para a intervenção que ocorrerá no segundo semestre a partir das visitas ao Museu Amazônico.

Nessas propostas, foram definidos os objetivos da visita, selecionaram a exposição a ser visitada, realizaram visitas ao Museu a fim de se familiarizarem com os materiais e espaços disponíveis, elaboraram estratégias de preparação para os alunos objetivando sensibilizá-los para a observação, para a leitura plástica dos materiais que irão encontrar, bem como apresentaram os conteúdos e conceitos.

Sendo assim, mesmo ainda estando em andamento, o projeto tem apontado positivamente para um alargamento na construção do saber histórico nas escolas na medida em que tem aguçado a curiosidade dos alunos sensibilizando-os para os temas da disciplina História.

Neste momento do projeto, alu-

nos e professores envolvidos no projeto, aguardam com expectativa o momento das visitas propriamente dita. Assim, ainda que seja uma discussão bastante recente, acreditamos que com este projeto estamos dando um primeiro passo para o necessário alargamento e aprofundamento da construção de um saber histórico mais amplo nas escolas de ensino fundamental e médio. Um saber histórico entendido como construção, como processo e não como uma verdade pronta e acabada.

### Referências bibliográficas

- BITTENCOURT, Circe. (org). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- BITTENCOURT, Circe. *Ensino de História: Fundamentos e Métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- BRASIL. LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 10 de maio de 1943, e a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nos 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6o da Medida Provisória no 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências.
- BRASIL, Ministério da Educação. Plano Nacional de Extensão Universitária. Edição Atualizada. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidade Públicas Brasileiras e SESu/MEC. 200/2001. Disponível em: [www.ufac.br/.../doc\\_prac\\_plano\\_extensao\\_universitaria.doc](http://www.ufac.br/.../doc_prac_plano_extensao_universitaria.doc). Acesso em 11/08/2010
- BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, de 18 de Fevereiro de 2002. *Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena*.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996.
- FONSECA, Selva Gimarães. *Didática e Prática de ensino de História*. Campinas/SP: Papirus, 2003.
- FONSECA, Selva Gimarães. & SILVA, Marcos. *Ensinar História no século XXI: Em busca do tempo entendido*. Campinas/SP, 2007.
- SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Parâmetros Curriculares nacionais: História e Geografia. Brasília: 2001.

SILVA, Arlete Vieira da. Estágio curricular supervisionado no curso de licenciatura: momentos de vivência da profissão professor nas escolas de educação básica, Revista Espaço Acadêmico - no. 73, junho/ 2007. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/073/73silva.htm>. acesso em: 11/08/2010.

*Submetido em: 24 de Agosto de 2010*

*Aprovado em: 8 de Setembro, 2010*